

Meu corpo e eu

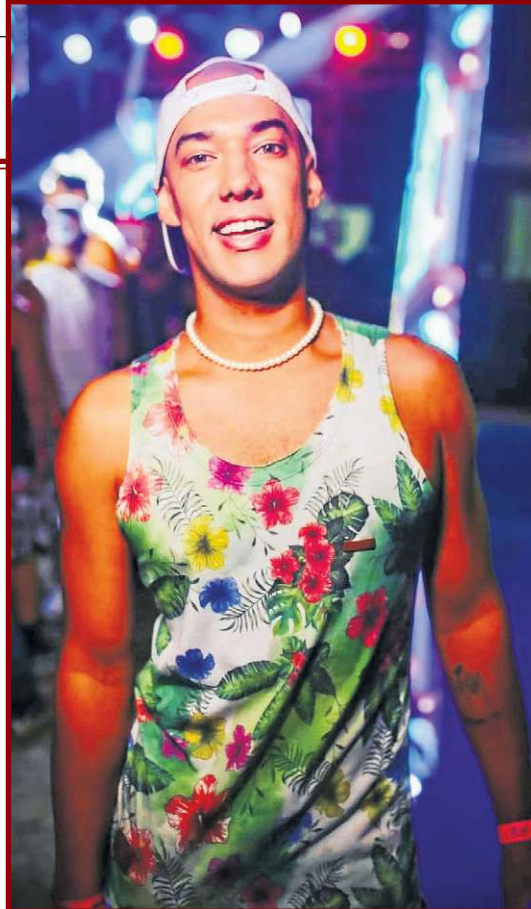
A relação do personal chef Douglas Cardoso Gonçalves, 31, com a própria sexualidade teve, além do sentimento de culpa pela busca por prazer, mais um agravante: a orientação sexual. Crescer ouvindo que tinha algo errado no jeito dele gerou um peso que o perseguia sempre que se permitia explorar e vivenciar o que lhe dava prazer — se relacionar com outros homens.

Com esse fardo, que se tornava maior do que o bem-estar proporcionado pelas interações com pessoas que o atraíam, Douglas decidiu se fechar completamente. “Só recentemente comecei a me aceitar, não apenas como gay, mas a amar meu corpo, conhecê-lo, descobrir onde e como eu sentia mais prazer. Essa foi a primeira etapa para que eu pudesse experimentar prazer com alguém”, conta.

Douglas é categórico sobre a importância do diálogo natural sobre sexo para que pudesse ter uma vida mais feliz: “Quando você tem conhecimento, sem culpa, sem medo de parecer vulgar, consegue curtir os momentos, sentir e dar prazer”. O personal chef acredita que o movimento do bem-estar sexual hoje será essencial para que menos pessoas passem pelo que ele enfrentou e tenham a oportunidade de experimentar práticas saudáveis antes dos 30 anos, sem tantos traumas.

Vivendo uma experiência semelhante à de Douglas e de tantas outras pessoas, a artista, maquiadora e técnica em enfermagem Katrinna Luna Souza, 33, conta que, apesar de se interessar pelo próprio corpo desde a adolescência, ainda tem dificuldade de conversar sobre alguns assuntos. Ela se identifica como travesti e iniciou o processo de transição aos 30 anos. Quando mais nova, morria de vergonha de entrar em uma sex shop. “Eu me escondia e tinha medo. Hoje, compramos produtos eróticos como se estivéssemos em uma loja de roupas, com a maior tranquilidade.”

Arquivo Pessoal



Douglas demorou para explorar a própria sexualidade, mas hoje vive sem amarras

Arquivo Pessoal



Katrinna tem uma sexualidade plena, mas ainda tem certa vergonha em falar sobre o tema

Fã de lingerie chiques e cheias de renda, Katrinna lembra que a questão de gênero também era um tema mais difícil na juventude dela. Agora, sente-se mais à vontade para buscar e comprar o que a agrada. “É legal que as lojas já vendem e expõem os produtos de uma forma não binária. Não tem aquela coisa de uma parte de homem e uma para mulher. Qualquer pessoa pode usar.”

A travesti ressalta, também, a importância de ensinar às pessoas como os produtos podem ser usados para dar prazer de acordo com cada corpo, além dos cuidados necessários com higiene, bateria e todos os demais processos que envolvem qualquer outro tipo de compra.

Um vibrador para chamar de seu

A capacidade de distinguir texturas, sabores, imagens, cheiros e sons faz parte da natureza humana e leva a uma busca constante por experiências sensoriais. Entre elas, vivências sexuais. Com um olhar sobre novas exigências, um público mais aberto ao autoconhecimento e à quebra de padrões que, por muitos anos, rodearam esse tema, empresas e empreendedores têm investido em formas de auxiliar nessa jornada.

Quem teve contato com lojas de produtos eróticos há alguns anos provavelmente se lembra da variedade limitada dos itens. Inspirada em contextos da pornografia, parte considerável dos estabelecimentos oferecia mercadorias, quase sempre, em formatos falocêntricos. De poucos anos para cá, porém, o universo de produtos voltados ao sexo passa por transformações. Não é difícil encontrar brinquedos — para adultos — que apostam na descontração, na irreverência, em cores e em formas diversas de alcançar o prazer.

O que antes carregava um estigma mais pesado, e que pela própria estética podia ser motivo para constrangimento, tornou-se algo mais leve, com produtos feitos de materiais macios e de qualidade superior. Empreendendo no mundo erótico há 10 anos, a sócia-proprietária da Egalité, Luana Lunerz, 29, lembra que, quando começou na área, esse tipo de produto ficava escondido em cantos escuros, mas que, em sua origem, sex shops eram lugares de cuidado com a saúde.

Criada na Alemanha, nos anos 1960 e por uma mulher, a primeira sex shop do mundo se chamava Instituto da Higiene Conjugal e era voltada para a saúde sexual feminina. Além de brinquedos sexuais, Beate Uhse oferecia conselhos e dicas sobre métodos contraceptivos.